

DISPOSITIVOS DISCURSIVOS DA HOMOSSEXUALIDADE: Construção de corpos abjetados

DISCOURSIIVE DEVICES OF HOMOSEXUALITY: Construction of abjected bodies

Eric Rilton Araújo dos Santos¹

Janielson Ferreira da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de identificar como é construído a ideia foucaultiana de dispositivos discursivos na produção de um sujeito homossexual, e como esses dispositivos podem ser identificados a partir do discurso atualmente. Como o corpo homossexual é abjeto e constituído por esses dispositivos discursivos.

Palavras-Chave: Dispositivos; Discurso, Foucault, Butler, Homossexualidade, abjeção.

ABSTRACT: This article aims to identify how the Foucaultian idea of discursive devices in the production of a homosexual subject is constructed, and how these devices can be identified from the discourse currently. How the homosexual body is abjected and constituted by these discursive devices.

Keywords: Devices; Discourse, Foucault, Butler, Homosexuality, abjection.

¹ Graduando em Filosofia pela UFPI.

² Graduando em Filosofia pela UFPI.

1. INTRODUÇÃO

É necessário entender que toda a construção de corpos perpassa por um determinado processo, que possui em si, variados mecanismos de controle. O discurso é um mecanismo importante para que se dê origem ao corpo, compreender as questões, como esse discurso produz esses corpos? Como esses discursos se manifestam? E como eles produzem corpos homossexuais abjetados? É o Norte pelo qual guiaremos essa análise de alguns discursos.

Para compreender Butler é preciso que se tenha em mente que a construção do corpo perpassa alguns requisitos, é necessário entender que ela critica a forma como o gênero é dado, como o corpo é marcado antes mesmo de nascer, por determinados dispositivos que vão acompanhar a vida desse sujeito durante toda sua existência.

2. DISPOSITIVOS DISCURSIVOS

A noção de dispositivos de Foucault é importante para tecermos os limites em que o corpo é produzido por uma variedade de tipos de dispositivos, ele mesmo assume a existência variada de dispositivos, e como esses discursos se expressão e se relacionam;

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

O discurso como dispositivo é a expressão daquilo que se pode chamar de limite de performatividade, todas as formas de expressão são forçadas a sanar algum tipo de requisito exigido por um dispositivo, assim se faz compreensível a forma como a qual o dispositivo se manifesta. Discursos

produzidos que indagam a forma de ser de um sujeito carregam essas exigências, como por exemplo, pelo discurso ‘É homem ou mulher?’, que se interpela um pai, ou uma mãe, sobre um feto; é visível quais são esse dispositivo que agem sobre o sujeito exigindo uma existência antológica do indivíduo, antes mesmo de existir materialmente.

Posteriormente, entenderemos como a linguagem age de forma limitadora, produzindo uma caixa de enigmas que não se solucionam por si só, mas que pelo contrário, aprisionam o indivíduo cada vez mais em um tipo específico e fechado de existência. Para isso, é necessário deixar claro que existe uma irrefutabilidade dessas marcas do ‘sexo’, essa marca do sexo que o aprisiona e o limita constantemente, que não é possível ser negada, e por isso se manifesta de forma que o indivíduo ao negar determinada marca acaba por escolher outra, não imediatamente, mas por meio desses mesmos discursos reguladores.

2.2 LINGUAGEM

A linguagem é uma ferramenta de comunicação que se desenvolve pela interação entre indivíduos, se desenvolve e toma uma forma a partir da fôrma da cultura de determinada sociedade, que se constitui historicamente. Nesse sentido é conseqüentemente compreensível que determinadas culturas possuam suas formas de comunicação com linguagem e representações próprias. Para compreender a forma como a qual essa interação e criação de modos de repressão de alguns tipos de subjetividade, é necessário ter em mente que só é possível analisar uma determinada realidade, um recorte, ou uma cultura específica.

3. A ABJEÇÃO DESSE CORPO HOMOSSEXUAL NA SOCIEDADE

Para se ter uma melhor compreensão dessa abjeção e como se dá a sua construção sobre o corpo homossexual, é importante retomar alguns elementos já esboçados por Júlia Kristeva em seu texto, *Poderes do horror, ensaio sobre a abjeção*. Em seu texto, Júlia Kristeva define abjeção como sendo uma

construção social, esse sentimento de abjeção é criado à medida em que algo me causa repulsa é algo que eu quero manter sempre longe de mim porque de alguma forma ameaça a minha integridade. Sempre que aparece esse sentimento de abjeção, automaticamente, já se cria um distanciamento entre esse corpo abjetado. Porém, esse distanciamento não é absoluto pois o tempo todo esse abjeto está ali para reafirmar esse sentimento.

Levando em consideração todos esses pontos enfatizados pela Júlia Kristeva, podemos traçar alguns questionamentos sobre as implicações que o sentimento de abjeção causa a esse corpo homossexual. Adentrando mais ainda: como se dá a construção desse sentimento de abjeção? Por que a homossexualidade é associada à essa ideia de abjeção?

Bom, para respondermos a esses questionamentos vamos antes fazer o movimento de tentar esclarecer como essa construção social influencia para que esse corpo homossexual caia na zona de abjeção. A partir do momento em que o indivíduo até então tido como "hétero" perante a sociedade começa a apresentar traços de feminilidade no seu modo de se comportar, automaticamente esse indivíduo cai em um esquema corporal que está intimamente ligado a ideia de: "*O que pode um corpo?*"

Por ser "hétero" espera-se dele que ele tenha um comportamento heteronormativo e não é permitido a ele sair desse padrão de comportamento, até então, antes por pertencer a um padrão considerado como "normal", esse indivíduo não sofria nenhuma das amarras dessa zona de abjeção. Mas, quando esse mesmo indivíduo se assume homossexual a situação muda completamente. Aquele que antes era visto como um objeto (com materialidade) passa a ser um abjeto que não vai conseguir se materializar ao longo do tempo.

A partir daí esse indivíduo já passa a ser visto com outros olhares, um olhar de preconceito e de exclusão. A pressão social é tão grande ao ponto de fazer com que esse mesmo indivíduo ache que a culpa é sua, visto que ele é tido como uma ameaça à sociedade, a família e a integridade dos demais.

Além disso, por toda essa pressão social que a abjeção causa, não podemos esquecer um ponto importante nesse esquema corporal: ele não se dá

sobre um corpo já formado, pelo contrário ele forma esse corpo, esse esquema corporal diz respeito a um conjunto de fatores, de dispositivos que tem como objetivo realizar uma construção restritiva dos corpos. Essa construção dos corpos ela é restritiva, pois ela delimita aquilo que o corpo pode ou não fazer, é uma determinação da identidade. Essa restrição, em certo modo, só reforça a ideia de abjeção dos corpos. Essas restrições estão ao tempo todo regulamentando as ações e decisões desses corpos. Já por dispositivos podemos incluir o discurso, instituições, ideais reguladores e tradições.

Dentro da própria comunidade LGBTQIA+ essa ideia de restrição é muito presente pois, a medida em que se vê a necessidade de criar novas simbologias e novas nomenclaturas para incluir, automaticamente, já se cria uma restrição que delimita as ações desse corpo. Há sempre essa ideia de ter que se criar novos códigos para que se possa ter aquela sensação de pertencer a algum grupo.

Essa restrição de corpo incorporará um viés de restrição. Esse esquema corporal forma corpos na mesma medida em que ele não se dá sobre um corpo formado, logo, a restrição desses corpos é a consequência de todo esse processo. Quebrar esses critérios dependendo da posição social de quem seja, será mais fácil para uns do que para outras pessoas. No caso dos homossexuais, quebrar com esses critérios se torna um desafio, pois estes já se encontram em uma posição de abjeção em relação aos outros corpos, pelo simples fato de sua homossexualidade ser uma forma de restrição dentro da sociedade.

3.1 - A PERFORMATIVIDADE

A performatividade de gênero pode ser entendida como um ato que não é deliberado nem singular, mas sim uma prática reiterativa e situacional por meio do qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. Todas essas normas regulatórias do sexo trabalham de forma performativa para constituir a materialidade desses corpos. Diante disso, a ideia de fixidez do corpo reitera ao questionamento que já foi empregado anteriormente, “o que pode um

corpo?” Sobre essa ideia dessa fixidez ela tem um viés restritivo de modo que possa delimitar as noções de gênero. Butler reitera que:

‘Como resultado dessa reformulação da performatividade, (a) a performatividade de gênero não pode ser teorizada independentemente da prática forçada e reiterativa dos regimes sexuais reguladores; (b) a capacidade de agência condicionada pelos próprios regimes do discurso/poder não pode ser confundida com voluntarismo ou individualismo, muito menos com consumismo, e de modo algum supõe a existência de um sujeito que escolhe; (c) o regime da heterossexualidade opera para circunscrever e contornar a “materialidade” do sexo, e essa “materialidade” é formada e sustentada à maneira e por meio de uma materialização de normas reguladoras que são em parte aquelas da hegemonia heterossexual; (d) a materialização de normas requer que ocorram esses processos identificatórios pelos quais normas são assumidas ou apropriadas, e essas identificações precedem e permitem a formação do sujeito, mas não são, estritamente falando, realizadas por ele; (e) os limites do construtivismo são expostos nesses limites da vida corpórea nos quais corpos abjetos ou deslegitimados deixam de ser considerados como “corpos”. Se a materialidade do sexo é demarcada no discurso, então, essa demarcação produzirá um domínio de “sexos” excluídos e deslegitimados’ (BUTLER, 2019, p. 39).

6

Nessa perspectiva, é possível compreender a partir de Butler que, todo corpo constituído possui um determinado tipo de performatividade, e essa performatividade diz respeito a sua conduta de comportamento. Espera-se do sujeito hétero que ele se comporte de uma maneira X (requisitos de um comportamento em determinada cultura, ambiente que ele está inserido) e que não fuja desse padrão. Fora dessa performatividade, esse mesmo indivíduo cairá diretamente nos dispositivos de controle. Da mesma forma ocorre com o indivíduo gay, que, por ser gay, não pode ir além daquilo que é performado a ele, como por exemplo, beijar uma menina etc. Fugindo desse padrão estabelecido, ele também cai nos dispositivos de controle.

4. CONCLUSÃO

A partir de toda essa discussão em torno da abjeção e seus efeitos dentro da comunidade LGBTQI+, podemos concluir que essas amarras dos dispositivos de controle estarão sempre em evidência uma vez que atrelado à ideia de abjeto, esse indivíduo homossexual será visto como uma abjeção, que causa repulsa e ódios nos demais. Porém, essas amarras não devem ser vistas como

uma barreira, pois escapar desses dispositivos de controle não é uma tarefa fácil, no entanto, ter conhecimento e entender como esses mecanismos se expressam através das suas próprias relações é um primeiro passo. Caberá a cada um pertencente a essa comunidade, driblar da melhor maneira possível tudo o que é imposto ao seu corpo, compreendendo de maneira teórica, como essas dinâmicas se desenvolvem, pôr em prática entendendo onde essas dinâmicas estão presentes, é uma forma de contornar, e resistir a toda opressão que possa ser imposta aos indivíduos dessa comunidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. N-1. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000b, p. 69-78.

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror. An essay on abjection*. Nova Iorque: Editora Columbia University Press, 1982.